

VÍDEO

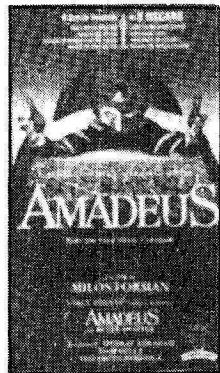
Amadeus conta as brigas entre Mozart e Antonio Salieri

Quem não viu no cinema há seis anos atrás finalmente vai poder ver agora em vídeo. O filme *Amadeus*, de Milos Forman, está disponível no suporte magnético e chega ao mercado trazendo no currículo o *handicap* de ter sido um dos maiores sucessos de bilheteria

que já saíram dos fornos de Hollywood. Ganhou oito Oscars, entre os quais o de melhor filme, diretor e ator (para F. Murray Abraham, que interpreta Salieri, músico rival de Mozart, o *Amadeus*, na corte austríaca do século XVIII).

Quarto filme americano do tcheco Milos Forman — havia antes mostrado seu talento com *Um Estranho no Ninho* (1975) — *Amadeus* foi rodado em 1984. Adaptação da peça *Equus*, de Peter Shaffer, centrou face na disputa entre Mozart e Salieri pelas preferências dos poderosos. Mas não abriu mão dos estereótipos, nem quando tal opção colocou em choque a versão mais fidedigna da vida de Mozart.

Por exemplo, no filme ele morre envenenado por Salieri,



Mozart beija Salieri na versão de Forman

enquanto os mais autorizados biógrafos afirmam que ele morreu em função de problemas de saúde decorrentes de uma sífilis que teria contraído. O Mozart do filme, interpretado por Tom Hulce, é nitidamente um homem à frente do seu tempo. Milos Forman fez dele um ídolo pop, com peruca rosa, hábitos históricos e risada libertina — “riso de galinha choca”, segundo Paulo Francis. Ao contrário, Salieri é o vilão, criador medíocre e submisso ao poder — na verdade foi um músico muito mais talentoso do que o filme deixa transparecer.

Em se tratando de Hollywood, nenhuma surpresa, exceto a excessiva duração do filme: 158 minutos. No mais, Forman demonstra total entrosamento com os padrões hollywoodianos de suntuosidade. *Amadeus* é um festival de exageros, cenários grandiosos, figurinos riquíssimos, música de arrepiar.

É um filme para quem gosta de cinema-espetáculo e nada mais. Compromissos com a verdade: zero. Soluções novas: zero. Unanimidade de

público e crítica: dez. Um filme acadêmico, que conseguiu o feito de popularizar a erudita música de Mozart entre os mais incautos ouvidos do planeta. Com o sucesso do filme, ouvir a *Pequena Serejata Musical* ou o célebre *Réquiem K. 626* em alto e bom som virou mania. Álbuns duplos com a trilha sonora do filme, executada pela Academia St. Martin In The Fields, evaporaram das lojas de discos com a mesma rapidez com que ganharam o mundo.

Ponto para Milos Forman (*Hair*, *Ragtime*), claro. Explorou com maestria o mote da inveja e do remorso. E fez de Salieri um dos vilões mais consistentes da história do cinema. Primeiro morre de inveja das pirotecnias verbais e artísticas do jovem Mozart. Depois põe fim ao carnaval que o mocinho promovia na corte envenenando-o e se afunda em remorsos. Passa seus últimos dias num asilo de loucos, possivelmente o endereço do Mozart de Milos Forman se ele não tivesse morrido tão cedo.

■ César Mendes